

Aspectos da personalização do universo em Teilhard de Chardin: da individualização e multiplicidade da vida à ipseidade do ser humano

Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha *

Resumo: Considerando que no pensamento antigo a individualidade não possuía grande valor (em Aristóteles o indivíduo é subsumido pela espécie, como também em Platão), em Teilhard de Chardin (1881-1955), e seguindo a trilha da Patrística e da Escolástica, ela é colocada em relevo, mas, doravante, a partir de uma tentativa de compreendê-la com o amparo da ciência (e não apenas com o subsídio da filosofia e da teologia). Assim, a pessoa humana é concebida como fenômeno da evolução, resultado e culminância de um processo de milhões de anos. O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos da personalização do Universo em Teilhard de Chardin: em seu pensamento ela está inextricavelmente ligada à sua concepção de evolução. Nesse sentido, buscar-se-á indicar em que medida a evolução possui uma natureza psíquica e como a vida seria uma ascensão à consciência através da singularidade do eu. Em suma, Chardin enfatizava o valor da individualidade, singularidade ou ipseidade do ser humano.

Palavras-chave: matéria; pensamento; evolucionismo; pessoa; singularidade

Aspects of the personalization of the universe in Teilhard de Chardin: from individualization and multiplicity of life to the *ipseitas* of the human being

Abstract: While the Ancient Philosophy did not place a high value on individuality (for Aristotle, as well as Plato, the species subsumes the individual), Teilhard de Chardin (1881-1955) follows the patristic and scholastic tradition of acknowledging its importance. Nonetheless, unlike

* Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço: Rua Ourânia, n. 120, ap. 72, São Paulo, SP, Cep: 05445-030. E-mail: marianapaolozzi1@gmail.com

some authors in that tradition, who approach the individuality from the strict perspective of the Philosophy and the Theology, he attempts to grasp it also through the lens of the Science. By his conception of evolutionism, he views the human person as an evolutionary phenomenon, the result of a long-lasting process. Chardin emphasizes the value of the individuality and the singularity (ipseity) of the human being. Thus, this article focuses on the extent to which evolution possesses a psychic nature: how life would be an ascension to consciousness through the singularity of the self.

Key words: mater; thought; evolutionism; person; singularity

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se discorrer sobre a personalização do Universo em Teilhard de Chardin (1881-1955) a partir da ênfase nos processos de individualização da vida. A discussão estará centrada no processo de surgimento, na natureza, da consciência e da pessoa humana.

O conceito de evolução em Teilhard de Chardin liga-se, fundamentalmente, à ideia de ascensão da vida ao pensamento. A noção de pessoa humana remete à concepção de que a obra das obras humanas é o eu e sua constituição (sua construção e o chegar ao termo de si).

Antes de dar desenvolvimento ao tema, cabem algumas observações de modo a contextualizar o debate. Começemos com duas leis (hipóteses) referidas por Teilhard de Chardin:

Lei 1: lei da complexificação. O movimento evolutivo segue uma direção determinada: está submetido à lei da complexidade crescente. O mundo se desenvolve do simples ao complexo (isto é, a evolução caminha para formas cada vez mais organizadas). Dos átomos às moléculas; das moléculas às células; das células, finalmente, a toda a gama dos seres vivos, entre os quais é evidente uma sucessiva e maior complexificação: insetos, peixes, anfíbios, répteis, mamíferos, ser humano.

Lei 2: lei da interiorização. Paralelamente à lei da complexificação, Teilhard refere-se a outra que irá completá-la: a lei da interiorização ou da conscientização. O processo de complexificação dos seres vivos indica simultaneamente um processo de interiorização. O grau de interioridade das coisas, ou de consciência, relaciona-se ao grau de complexificação das mesmas; isto é, a consciência é tida como um efeito específico da complexificação.

No caso dos seres vivos e sobretudo do ser humano, sendo impossível avaliar o número dos elementos simples ou complexos que o compõem, o parâmetro de complexidade é fornecido pelo grau de desenvolvimento do sistema nervoso central e, em particular, do cérebro entre os vertebrados.

Ao apresentar sua concepção de evolução, Teilhard de Chardin pretendeu muito mais descrever uma realidade do que elaborar um sistema filosófico. Ele afirmou: “Não sou filósofo nem teólogo, mas um estudioso do fenômeno, um físico no velho sentido grego” (Chardin, 1951 *apud* Nogare, 1970, p. 6). Conforme lemos em *O Fenômeno Humano*, trata-se de compreender esse livro não como uma obra de metafísica, menos ainda como uma espécie de ensaio teológico, mas como uma dissertação científica (Chardin, 1965, p. 1).

Como paleontólogo, buscou uma descrição da realidade cósmica tal como esta lhe apareceu. Procurou uma explicação do mundo natural, uma interpretação geral do Universo, na tentativa de descrever cientificamente o todo. De modo que seu ponto de partida foi o plano da experiência.

Teilhard de Chardin ressaltou que na natureza é possível detectar escalões de perfeição e de crescimento. Através de uma discreta mutação das coisas podemos percebê-los, em seus movimentos é possível notar “os irresistíveis desenvolvimentos que se ocultam nas mais frouxas lentidões, – a extrema agitação que se dissimula sob um véu de repouso, – o inteiramente novo que se insinua no íntimo da repetição monótona das mesmas coisas” (Chardin, 1965, p. 8). É também a esse novo modelo que voltou o seu olhar em vista de trazê-lo à tona e explicitá-lo,¹ e nesse ponto recorreu à filosofia e à teologia.

¹ Conforme a dialética da natureza teilhardiana (isto é, trata-se da dialética aplicada à natureza), no âmbito da evolução e no vir-a-ser do Cosmos é possível apreender três principais momentos responsáveis por todas as transformações e “novidades” que ocorrem na história do mundo e do ser humano: divergência; convergência; emergência. A divergência refere-se à tendência de dispersão, à criação do múltiplo; a convergência à integração, ordenação e unificação desse múltiplo, e finalmente a emergência seria o aparecimento de um todo novo por meio de síntese.

Será traçado, neste artigo, o seguinte itinerário: a partir da ideia de uma cosmogênese, e do surgimento e evolução da matéria, chega-se à aparição da vida e, da vida ao surgimento do pensamento, ou consciência.

Ao pensamento e à consciência atrela-se a noção de pessoa. A experiência da consciência e da interioridade, em avançado grau (isto é, associada à cerebralização dos seres humanos), será o indício da personalização, tal como veremos adiante. Assim, nas próximas seções serão discutidas as conjecturas feitas por Chardin com relação ao surgimento e evolução da matéria; sua visão sobre a origem da vida e o conflito existente entre o indivíduo e o coletivo, bem como sua superação.

2 CONJECTURAS SOBRE O SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DA MATÉRIA

Afirmou Teilhard de Chardin, que, “historicamente, o estofo² do universo vai se concentrando (no transcorrer do tempo) em formas de matéria cada vez mais organizadas” (Chardin, 1965, p. 27).

Todavia, podemos nos perguntar como isso ocorre. Em resposta a essa interrogação, pode-se dizer que, primeiro, a matéria mostra uma fase de granulação, que dá origem aos constituintes do átomo. Em seguida, pelo menos a partir das moléculas, continua aditivamente seguindo um processo de complexidade crescente³.

E onde – da matéria inorganizada à matéria organizada – se dariam as metamorfoses da combinação das moléculas? A pergunta é: será que elas ocorrem indiferentemente em qualquer lugar do espaço? Onde se dá a evolução da matéria? Em qualquer ponto do cosmos?

² O termo estofo (*étouffe*), também traduzido por tecido, significa para Teilhard de Chardin, conforme Claude Cuénot em *Lexique de Teilhard de Chardin* (Cuénot, 1963), o ser concreto de que é constituído o cosmos, e “que não se confunde com a matéria física, pois que apresenta tanto um dentro (a consciência) como um fora (a matéria)”.

³ Nesse sentido, é interessante notar a atomicidade do Universo perceptível também no terreno da experiência vulgar. Por exemplo, ela exprime-se nas gotas de chuva e na areia das praias. É observável na multidão dos seres vivos e dos astros, e verifica-se até nas cinzas dos mortos.

Explicou Teilhard de Chardin que não, mas que ela ocorre unicamente no âmago e à superfície das estrelas (Chardin, 1965, p. 27).

Não se trata aqui de discutir a cosmogênese teilhardiana, o que nos desviaria de nossos objetivos, mas importa ressaltar que sendo o panorama da evolução o próprio cosmos, e não apenas a Terra, delinea-se uma história da matéria – como suporte ao desenvolvimento da consciência – a partir de sua origem cósmica.

Para Teilhard de Chardin uma “química dos céus” (estudo a respeito da matéria nos astros) estaria relacionada à gênese do espírito; dizendo de outro modo, uma química dos astros nos daria pistas sobre o modo de surgimento do pensamento a partir da matéria.

Mas, ampliando as especulações sobre o desenvolvimento da matéria, afirmou Teilhard de Chardin que a aparição de compostos materiais elevados (mais organizados e mais complexos) pôde realizar-se graças a uma concentração prévia do tecido do Universo em nebulosas (nuvem de matéria interestelar) e em sóis (Chardin, 1965, p. 28). Isto é, a matéria, na Terra, teria surgido de um certo equilíbrio da relação desses elementos.

Qualquer que seja o aspecto geral dos mundos (do conjunto dos mundos), a função química de cada um deles teria um sentido determinável: os astros são os laboratórios onde prossegue, em direção das grandes moléculas, a evolução da matéria (a começar pelo mundo mineral). Mas, novamente, a questão principal é: se a matéria surge no âmago e na superfície das estrelas (tese aceita contemporaneamente),⁴ onde se desenvolverá?

Na própria Terra. Nas estrelas, devido à temperatura extrema, a matéria só pode existir em seus estados mais elementares (dissociados ou gasosos), nestes astros incandescentes apenas são observáveis corpos simples.

Na Terra nascente, já teríamos os primeiros esboços de uma Barisfera, Litosfera, Hidrosfera e Atmosfera⁵. Essa composição funda-

⁴ Os elementos químicos teriam se formado no processo de evolução estelar. Isto é, até o Ferro (exceto o H e o He) a formação dos elementos químicos ocorre nas estrelas.

⁵ Barisfera: núcleo central do globo terrestre; Litosfera: camada exterior sólida da superfície da Terra; inclui a crosta e a parte superior do manto

mental pode ter variado, mas nas suas grandes linhas parece ter se estabelecido desde sua origem. O invólucro posterior de nosso planeta, na ordem do tempo, seria a Biosfera.

3 DA MATÉRIA À VIDA (O NASCIMENTO DA CÉLULA E OS MOVIMENTOS ELEMENTARES DA VIDA)

Lancemos o olhar agora, na Terra Nascente, ao mundo mineral. Este deve ser considerado muito mais dútil e móvel do que poderia suspeitar a ciência do passado; comentou Teilhard de Chardin: “nas rochas mais sólidas, é possível distinguir, em vaga simetria com a metamorfose dos seres vivos, uma perpétua transformação das espécies minerais” (Chardin, 1965, p. 51). Todavia, trata-se de um mundo relativamente pobre nas suas combinações elementares (é estreitamente limitado na arquitetura interna dos seus elementos).

Paulatinamente a complexidade química da Terra irá aumentar em sua zona superficial, seus elementos irão se diferenciando (o termo químico para isso é polimerização – formação de macromoléculas pela união de substâncias simples).

Na superfície da Terra, a pré-vida já estaria emersa (poderíamos dizer em germe) no átomo. Teilhard de Chardin comentou: “Debruçados ainda sobre os abismos do passado, observemos sua cor, que vai mudando. De era para era, o tom aviva-se. Algo irá rebentar-se sobre a Terra, não mais nascente, mas juvenil: a Vida! Eis a Vida!” (Chardin, 1965, p. 58).

O aparecimento e desenvolvimento da vida é discutido doravante, em *O Fenômeno Humano*, de modo surpreendente: a ênfase põe-se no nascimento das células desaguando nos movimentos elementares da vida. Durante períodos impossíveis de serem determinados (desse tempo praticamente nada teria restado, uma vez que a Terra evoluiu muito, extinguindo-se quase todos os traços de seu passado), mas com certeza imensos, a Terra teria permanecido bastante fria para que pudessem se formar e subsistir, à sua superfície, as cadeias de moléculas

terrestre; Hidrosfera: conjunto das partes líquidas que cobrem parcialmente a superfície da Terra; Atmosfera: camada de ar que envolve a Terra, possui a espessura de cerca de 700 km.

las carbonadas (molécula orgânica). A Terra, hipoteticamente, estaria envolvida numa camada aquosa na qual despontavam os primeiros sinais dos futuros continentes.

Ora, eis que, num dado momento, mais tarde, depois de um período suficientemente longo, começaram certamente a formigar aqui e ali, nestas mesmas águas, seres minúsculos. E deste pulular inicial saiu a espantosa massa de matéria organizada cujo feltro constitui hoje o último (ou melhor, o penúltimo), na ordem do tempo, dos invólucros do nosso planeta: a Biosfera (Chardin, 1965, p. 63).

Momento crucial – o marco da vida – irá repercutir prodigiosamente pelo tempo e espaço. Teilhard de Chardin sintetizou essa assombrosa etapa da evolução, a aparição da vida a partir da matéria, do seguinte modo:

Provavelmente jamais descobriremos (a não ser que, por sorte, a ciência de amanhã consiga reproduzir o fenômeno no laboratório) – a História por si só, em todo o caso, jamais descobrirá diretamente os vestígios materiais desta emersão – aparição – do microscópico para fora do molecular; do orgânico para fora do químico, do vivo para fora do pré-vivo. (Chardin, 1965, p. 63)

Nessa fase única da evolução terrestre se reconhece certa maturação, o passo da vida pela revolução celular. Vê-se então o surpreendente espetáculo apresentado pela eclosão da vida à superfície da Terra juvenil, a passagem crítica da molécula para a célula – o passo da vida. As consequências dessa mudança para o desenrolar da evolução serão enormes.

A vida (de um ponto de vista exterior) propriamente dita começa com a célula⁶, unidade química e estruturalmente ultracomplexa. Chama a atenção a originalidade essencial da célula (o inteiramente novo que se produz), que teria encontrado uma nova maneira de abranger unitariamente uma massa maior de matéria; uma multiplicidade organicamente concentrada num mínimo de espaço. A célula seria algo nascido, longamente preparado e profundamente original,

⁶ T. Chardin explicou que materialmente falando ela começa com a célula. Sob o ponto de vista do “dentro”, a explicação da origem da vida pela matéria ultrapassa a própria matéria.

isto é, sem um vasto período de maturação nenhuma mudança profunda ter-se-ia produzido na natureza.

O aparecimento da célula é um acontecimento ocorrido nas fronteiras do ínfimo, a célula pode ser considerada o grão natural da vida, tal como o átomo é o grão natural da matéria inorganizada. O mundo da física e da biologia estariam ligados; questionou Teilhard de Chardin:

Poderíamos hesitar um só momento em reconhecer o parentesco evidente que liga, na sua composição e nos seus aspectos, o mundo dos proto-vivos ao mundo da físico-química? Quer dizer, não estaremos ainda, neste primeiro escalão da vida, senão no âmago, pelo menos na própria orla da “matéria”? (Chardin, 1965, p. 66)

Reiterando: o surgimento da vida estaria estreitamente unido à matéria.

Tal como o ser humano se funde, anatomicamente, aos olhos dos paleontólogos, na massa dos mamíferos que o precedem; a célula mergulha, qualitativa e quantitativamente, no mundo dos edifícios químicos. Prolongada para trás de si mesma, converge visivelmente para a molécula. (Chardin, 1965, p. 67)

A lenta passagem do grão de matéria ao grão de vida estaria associada a uma transformação geral das condições químicas e térmicas à superfície do planeta.

Assinale-se agora as características da vida quanto ao tamanho e ao número. Por mais perto que seja considerada do seu ponto inicial, a vida revela-se microscópica e inumerável. Que as primeiras células tenham sido minúsculas, não é possível duvidar (uma vez que teriam se originado das megamoléculas). E, por outro lado, quanto menores os seres, mais surgem em multidão. Mal acabada de nascer, a vida irrompe abundantemente. Pode-se supor que, embora tenham aparecido num só ponto, as primeiras células se multiplicaram quase instantaneamente. Consequência do que Teilhard de Chardin chamou de um “estado de sobretensão biológica”. Assim, sob qualquer aspecto que o consideremos, o mundo celular nascente revela-se como já infinitamente complexo. E atenção: o próprio início da vida está ligado a um processo de multiplicação e individualização.

A massa inicial das células parece implicar, desde o primeiro instante, uma forma de interdependência e interrelação que não seria um simples ajustamento mecânico, mas um começo de “simbiose” ou vida em comum (como veremos adiante, a vida social humana mantém analogia com a forma de agregação celular).

Esse primeiro conjunto de matéria orgânica espalhada sobre a terra compõe um aglomerado biologicamente ligado (ao modo de um superorganismo difuso). Os contornos da biosfera vão se estabelecendo e se expandindo sobre a superfície da terra: “não somente uma espuma de vidas, mas, até certo ponto, uma película viva” (Chardin, 1965, p. 83). Com isso, teremos, gradualmente, a ramificação e individualização do elemento vivo, que Teilhard de Chardin exemplificou com a “Árvore da Vida”⁷.

A natureza propriamente orgânica das ligações que irão reunir os seres vivos num todo na *biosfera* será chamada de “solidariedade evolutiva” (a evolução possui uma dimensão cósmica que envolve tudo)⁸.

Na lenta ramificação da vida há uma multidão diversificada de elementos microscópicos, numerosa o suficiente para envolver a terra, e não obstante, aparentada para formar um todo estrutural e geneticamente solidário: tal se mostrará, vista à grande distância, a vida inicial.

Passaremos agora à descrição da expansão da vida em seis movimentos elementares. O propósito é ir apontando, nos processos de individualização da vida, aspectos da personalização (em analogia inicialmente, com o *modus operandi* das células).

Esses movimentos elementares da vida – no caminho da sua diversificação e ramificação – constituem apenas, por assim dizer, os “suportes biológicos” (elementos biológicos da expansão da vida) de tudo quanto vive, indicando o modo de proceder da vida na direção de sua multiplicação. Se no âmbito da personalização do Universo eles não são um fator decisivo – este é atribuído ao surgimento do

⁷ Ver *O Fenômeno Humano*, cap. II.3. A Árvore da Vida mostrará o desenvolvimento, a organização e distribuição das espécies aparentadas ao longo do tempo.

⁸ Sobre a importância da ideia de que a Biosfera atua como um todo, ver as considerações de Lodovico Galleni (1995, pp. 27- 42).

pensamento reflexivo que despontará com o *homo sapiens* –, por outro lado nos mostram o comportamento da vida no caminho da individualização e multiplicidade, que irá desaguar na singularidade do ser humano, tida como individualização máxima (devido a sua capacidade de reflexão e interiorização). Ei-los:

3.1 Reprodução

A reprodução (seja assexuada ou sexuada) é característica da vida em todas suas ramificações e base da expansão da biosfera que irá envolver toda a Terra. Potencialmente, toda vida pode se reproduzir (no caso particular do ser humano – excetuadas as situações que envolvem problemas médicos – é possível a não reprodução por opção do livre-arbítrio).

A vida, em seus primórdios, parece ter-se reproduzido apenas para defender-se e auto preservar-se. A célula, porque em incessante trabalho de assimilação, tem que se dividir em duas para continuar a ser (qualquer célula, num dado momento, divide-se); ora, com isso, afirmou Teilhard de Chardin, a vida prenunciava suas invasões em todas as formas posteriores.

3.2 Multiplicação

Assim, pelo fato de desdobrar-se continuamente, a vida possui uma notável força de expansão – pela via da multiplicação – e portanto, de individualização.

3.3 Renovação

A renovação da vida implica um processo de multiplicação no qual não ocorre desagregação química e ao qual se acrescenta algo de novo. Tomemos como exemplo o comportamento das células. A reprodução celular duplica a célula mãe, e assim, por um mecanismo distinto do que se verifica na desagregação química, ocorre multiplicação sem esfacelamento. Mas, além disso, simultaneamente, há uma transformação do que apenas se pretendia prolongar. Algo de novo é agregado ao processo de multiplicação. A onda elementar de vida saída de cada indivíduo não se expande monotonamente gerando indivíduos inteiramente semelhantes, iguais uns aos outros (o que também seria uma contradição de termos).

Centro de irresistível multiplicação, o ser vivo (note-se bem, ainda não estamos falando especificamente do ser humano, mas nos referindo a toda gama de seres vivos) passa a constituir um foco de diversificação. Ele “difracta-se e irisa-se com uma gama indefinida de tonalidades diversas” (Chardin, 1965, p. 97).

Chega-se aqui a um ponto importante: a trilha do caminho à personificação vai-se tornando mais perceptível. Da origem da vida (a partir da célula) passa-se a sua diversidade e ramificações; com o ser humano, alcança-se a personificação (individualização, diversidade, personificação).

3.4 Conjugação

A ideia de conjugação refere-se à união e mistura (que leva a uma combinação de caracteres, de material genético). Comentou Teilhard de Chardin que a vida descobriu o maravilhoso processo da conjugação para alargar a brecha – da diversificação – aberta na muralha do inorganizado (Chardin, 1965, p. 97).

O surgimento, por evolução, da dualidade dos sexos, da célula até ao ser humano, é algo importante para refletir no quadro do desenvolvimento da vida e no processo de individualização e personalização.

Inicialmente o fenômeno da conjugação apresenta-se

[...] sobretudo como um meio de acelerar e intensificar o duplo efeito, multiplicador e diversificador, obtido de início pela reprodução assexuada, tal como esta funciona ainda em tantos organismos inferiores e até em cada célula do nosso próprio corpo). Pela primeira conjugação de dois elementos – por pouco diferenciados que estivessem ainda em macho e fêmea – ficava aberta a via para esses modos de geração [...] iniciava-se um processo sem fim: o das combinações de “caracteres”, cuja análise é desenvolvida pela genética atual. (Chardin, 1965, p. 98)

Em vez de simplesmente se expandir a partir de cada centro em vias de divisão, a vida, em sua diversidade, começa a juntar-se – trocando e variando as suas riquezas respectivas.

Quanto tempo, quantas tentativas foram necessárias para que amadurecesse essa descoberta fundamental, ou, se quisermos, essa

invenção prodigiosa da natureza de onde saímos? Questionou Teilhard de Chardin.

3.5 Associação

A multiplicação e profusão da vida leva ao seu agrupamento (associação), e saliente-se, este não deve ser considerado um fenômeno esporádico ou acidental, mas sim fenômeno recorrente, um dos mecanismos mais constantes e universais que a própria vida emprega para a sua expansão.

[...] o agrupamento de partículas vivas em organismos complexos é uma consequência quase inevitável da sua multiplicação. [...] Devido a esta oportunidade ou necessidade puramente mecânicas de aproximação, acabou por germinar e tomar vulto um método definido de aperfeiçoamento biológico. (Chardin, 1965, p. 98-99)

Se um efeito da multiplicação e individualização da vida é o seu agrupamento, pode-se observar vários tipos de agrupamento, e a socialização humana figura entre eles (também como mecanismo de proteção e expansão da vida). Das associações verificadas nas bactérias ou nos fungos inferiores, aos vegetais superiores, mais acima chega-se ao metazoário, e mais longe ainda, à sociedade humana, associações de metazoários livres.

Deparamos aqui com a controvertida tese teilhardiana: a forma última e suprema de agrupamento em que culmina o esforço da matéria para se organizar estaria no agrupamento social (Chardin, 1965, p. 99).

Teilhard de Chardin ressaltou duas vantagens evidentes provenientes da associação. Graças a ela, em primeiro lugar, a substância viva chega a formar massas volumosas para proteger-se das diversas ameaças exteriores, e devido ainda à associação – e em virtude do aumento de volume que ela proporciona –, o organismo pode gerar nele próprio um espaço maior para as diversas engrenagens originadas progressivamente da sua diferenciação.

3.6 Aditividade dirigida

Visto que para Teilhard de Chardin a evolução expressa uma ascensão da vida à consciência (é o que busca mostrar pela descrição do processo de encefalização observado na natureza), e uma vez que os

movimentos da célula não passam de uma expansão dos organismos apenas à superfície da Terra, se a vida dispusesse unicamente deste último recurso, ela apenas e sempre se diversificaria no mesmo plano. Assim, ela “assemelhar-se-ia ao avião que corre sobre o solo sem poder decolar. Não se elevaria” (Chardin, 1965, p. 100). Contudo, é aí que intercede e irá operar o fenômeno da aditividade, que pode ser compreendida como a lei de complicação, ou complexificação dirigida (para a encefalização), ou pelo termo ortogênese⁹.

As renovações possibilitadas por cada reprodução fazem mais do que substituir-se mutuamente: acrescentam algo de novo, instaurando diferenciação em um sentido determinado (o da complexificação – evolução biológica).

Assim, a substância viva, graças ao poder aditivo e diferenciador (individualizante) que a caracteriza, vai elevando-se a novas formas (impensadas!). Sem a complexificação haveria apenas propagação da vida excluindo-se a ascensão: a evolução rompe a espacialidade, adentrando no campo do psíquico. Isto é, com o surgimento do ser humano e do pensamento reflexivo desponta e começa a se desenvolver, como prolongamento da Biosfera (Colomer, 1967, p. 59), a última camada que irá envolver a Terra: a Noosfera. Será o pensamento reflexivo do ser humano que personalizará o Universo, formando e modificando essa película de pensamento circundante à Terra.

4 O CONFLITO ENTRE O INDIVÍDUO E O COLETIVO NO MOVIMENTO DA VIDA E A SUA SUPERAÇÃO

Discorreu-se sobre os modos de expansão, de individualização e culminância da vida na Noosfera. A fim de desenvolver o tema da personalização será focalizada agora, no movimento da vida, a relação do indivíduo e do coletivo, e seu confronto (sua concorrência e atrito).

⁹O *Fenômeno Humano*, p. 101 nota 1: “Eu tenho a firme convicção de que essa palavra [ortogênese] é essencial e insubstituível para assinalar e afirmar a propriedade manifesta que possui a matéria viva de formar um sistema no seio do qual os termos se sucedem experimentalmente segundo valores constantemente crescentes de centro-complexidade.”

Do processo da multiplicação e diversificação da vida temos vida em profusão. Reproduzindo-se amplamente, a vida protege-se contra as ameaças do meio, aumentando suas probabilidades de sobrevivência e de avanço. Mas, os indivíduos (aqui estamos nos referindo a qualquer substância viva) – nesse inexorável processo onde estão colocados frente à frente – são levados, na luta pela vida, aos limites das suas possibilidades e de seu esforço.

Por outro lado, a multiplicidade dos indivíduos implica sua submersão no número e no coletivo: “a dramática e perpétua oposição entre o elemento nascido do múltiplo e o múltiplo a nascer constantemente do elemento, no decurso da evolução” (Chardin, 1965, p.104).

Assim, no fenômeno geral da vida não é o indivíduo que parece valer ou contar mais. O indivíduo desaparece na multidão. Nesse jogo é possível verificar a indiferença da Natureza para com os indivíduos. Comentou Teilhard de Chardin:

Quantas vezes a arte, a poesia, e até a própria filosofia não têm pintado a natureza como uma mulher de olhos vendados, pisando uma poeira de existências esmagadas? Isto seria um efeito direto da multiplicação? (Chardin, 1965, p. 104)

Todavia, à medida que o movimento geral da vida avança, esse conflito – entre o individual e o coletivo –, apesar de renovadas ofensivas, tende a se resolver. Mantém-se, porém, até o fim, como observou Teilhard de Chardin, cruelmente perceptível.

O início de seu desfecho se dará somente a partir do espírito (ou da consciência), onde a vida atinge seu ponto máximo e a antinomia se esclarece: “a indiferença do mundo para com os seus elementos transforma-se então numa imensa solicitude – na esfera da pessoa” (Chardin, 1965, p. 105). Em outros termos: o conflito individualidade-coletividade, presente na natureza, irá se resolver na esfera da pessoa e da consciência. Isto é, a chave da evolução estaria na consciência (é para isso que aponta o processo de cerebralização na natureza) e, portanto, na emergência da pessoa humana.

A evolução remete ao processo de encefalização – ela pode ser tida como uma marcha rumo ao espírito (sendo o sistema nervoso considerado o aparato orgânico da consciência) – e exprime o aguçamento de um movimento de individualização que ocorrerá, doravan-

te, após o surgimento do ser humano, *no plano da consciência* (novamente: a ideia de ascensão da vida).

A aparição do ser humano faz eclodir a reflexão, de início incoativa. E essa capacidade de voltar-se sobre si mesmo conduz a uma individualização/personalização (é o que permite o ser humano distinguir-se dos demais e perceber-se distinto): um indivíduo que individualiza a si próprio, por meio da consciência de si.

Assim, a biologia – enquanto ciência da vida total – abarca a psicologia humana. Por sua vez, a pessoa é concebida como fenômeno da evolução, resultado e culminância de um processo de milhões de anos.

5 IPSEIDADE

Para Teilhard de Chardin todas as leis do cosmos, toda a evolução – compreendida como o desenvolvimento de uma complexidade crescente – parece conduzir à interioridade máxima (consciência; espírito), sinalizada pela pessoa humana. Se a escalada histórica do ser humano – o seu passado, o seu presente e o seu futuro – contém algo de imprevisível e de arriscado¹⁰, no quadro desse movimento manifesta-se uma espécie de concentração e convergência do universo em pensamento.

No momento em que aparece o ser humano, o processo de interiorização, de reflexão, se aprofunda. A interiorização de si mesmo pode ser tida como individualização máxima. Assim, o que caracteriza a pessoa é seu poder reflexivo, a consciência de si.

Em Teilhard de Chardin a consciência seria uma característica fenomenológica dos seres vivos e inclusive da matéria¹¹, que progride

¹⁰ Sobre os riscos de autodestruição e aniquilação do planeta ver o capítulo V do livro *La place de l'homme dans la nature* (Chardin, 1957, pp. 163-169).

¹¹ A respeito dessa controversa tese ver as observações de Dalle Nogare (1970, p. 14): “Para Teilhard [...] a consciência existe onde quer que haja complexidade, muito embora, às vezes, a complexidade seja de tal modo fraca, que a consciência resultante não é bastante marcada e luminosa para tornar-se visível aos nossos olhos”. Hipoteticamente teríamos uma ascensão do psiquismo (consciência) no Universo, que começa a despontar já no “reino subatômico e atômico”, se registra no “reino mineral e vegetal”, se

até a forma reflexiva ou pessoal do ser humano. De modo que todo o universo é guiado pelo processo de personalização. A aparição do ser humano não representaria apenas um novo elo na escala evolutiva, mas uma nova ordem do ser, que atribui sentido a tudo o que a precede.

A personalização do universo, chegada ao estado humano, deve trazer à luz o que cada um possui de irrepetível: sua singularidade. No entanto, essa “ipseidade” ou singularidade, remete para além dela própria:

O termo de nós próprios, o cúmulo da nossa originalidade, não é a nossa individualidade – é a nossa pessoa; e esta, em razão da estrutura evolutiva do mundo, não a podemos encontrar senão unindo-nos. (Chardin, 1965, p. 289)

O processo de personalização não estaca no indivíduo, a socialização apresenta-se como uma “saída coletiva”, isto é, o ser humano personaliza-se diante do outro, em dimensões comunitárias. Fica mais fácil, agora, compreender o sentido da tese teilhardiana de que o fenômeno social seria culminação, e não atenuação, do fenômeno biológico. A organização social (a relação com o outro) compreende o processo de personalização.

Daqui para diante, no que se refere à personalização, a fenomenologia científica de Teilhard de Chardin se aliará cada vez mais explicitamente a um pensamento de cunho filosófico-teológico:

O processo cósmico da personalização tem como finalidade realizar a personalização, a existência de pessoas cada vez mais pessoas, até se integrarem, sem deixar de serem pessoas, na última comunhão com a Pessoa absoluta. (Chardin, 1965, p. 266)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar e em retrospecto: com respeito à personalização do Universo, coube aqui ressaltar o processo de individualização da vida em geral (das primeiras células à ramificação de toda a vida) tendo em

evidencia no “reino animal” pela cerebralização, por fim, se epifaniza no “reino humano”, com o pensamento reflexivo.

vista a individualização/personalização do ser humano. A partir do surgimento da vida, esta multiplica-se abundantemente, seguida de uma diversificação, alcançando o ser humano. Pelo processo de interiorização – por meio do despontar e desenvolvimento da consciência e da reflexão –, o ser humano expressa sua singularidade ou *ipseidade*.

Mas qual é, no próprio interesse da vida geral, a obra das obras humanas, senão o estabelecimento, por cada um de nós em si próprio, de um centro absolutamente original, onde o Universo se reflete de uma maneira única, inimitável: precisamente o nosso eu, a nossa personalidade? (Chardin, 1965, p. 287)

Por sua vez, essa singularidade, através da socialização, pode chegar à sua realização plena, ao ponto Ômega. Este é concebido como Cristo: a consciência absoluta. Nesse sentido, a personificação do Universo – o universo torna-se pessoal caminhando em direção à consciência – apresenta-se também como uma espécie de desdobramento da vida divina.

Além de ser considerado o polo para onde se dirigem todas as coisas, o Ponto Ômega é também a causa e motor da evolução universal. A expressão Ponto Ômega passou a ser, portanto, a tradução teilhardiana do nome de Deus (Vaz, 1996, p. 360); com isso, sobressai o caráter cristocêntrico do teísmo teilhardiano. Assim, o ponto Ômega escapando às condições do tempo e do espaço, e como termo final da evolução – chegada aos limites máximos de seu poder de união e de amor¹² – é o ponto de convergência da humanidade e de todo o cosmos.

A visão teilhardiana do universo e da evolução gravita em torno do conceito de pessoa, fazendo confluir ciência e fé. Nesse contexto o ser humano é considerado construtor de si mesmo (unidade *in fieri*)¹³, da história e do cosmos: trata-se da personalização do ser hu-

¹² A evolução, tanto da matéria quanto da consciência, seria uma evolução amorizada. A esse respeito, ver por exemplo, CHARDIN, 1965, pp. 290-293.

¹³ Podemos aqui também pensar nos avanços da ciência no campo da genética, ver, GRUMETT, David, p. 531: “Avanços na compreensão genética

mano, da sociedade e do todo, mediante a liberdade. Eixo e condutor da evolução, o ser humano tem diante de si o desafio de colaborar para o futuro da Noosfera, da Biogênese e enfim, da Cosmogênese (Chardin, 1965, p. 304).

Se a individualidade não possuía, no pensamento antigo, grande valor (em Aristóteles o indivíduo é subsumido pela espécie, como também em Platão), aqui, e seguindo a trilha da Patrística e da Escolástica, ela é colocada em relevo, mas doravante a partir de uma tentativa de compreendê-la com o amparo da ciência e o subsídio da filosofia e da teologia.

Os resultados a que Teilhard de Chardin chegou recolocam o ser humano no centro de um universo – agora não mais estático – que converge cada vez mais para o pensamento: “No limite extremo das suas análises [...] a física já não sabe bem se o que detém é energia pura, ou se, pelo contrário, é pensamento o que lhe fica nas mãos” (Chardin, 1965, p. 311).

Eis o sentido da história cósmica passada até agora: o nascimento do espírito, e da pessoa. Não mais centro fixo do Universo, o ser humano reassume um primado em direção a um futuro impensado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amigo e professor de Paleontologia Luiz Anelli (USP) pelas informações e esclarecimentos referentes à nota 4.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

CHARDIN, Teilhard. *La place de l'homme dans la nature*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1957.

———. *O fenômeno humano* [1956]. São Paulo: Herder, 1965.

COLOMER, Eusébio. *A evolução segundo Teilhard de Chardin*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1967.

CUÉNOT, Claude. *Léxique Teilhard de Chardin*. Paris: Seuil, 1963.

GALLEN, Lodovico. How does the Teilhardian vision of evolution compare with contemporary theories? *Zygon*, **30** (1): 25-45, 1995.

permitem que a humanidade se reinvente como co-criadora de sua futura essência”.

- GRUMETT, David. Teilhard de Chardin's evolutionary natural theology. *Zygon*, **42** (2): 519-534, 2007.
- NOGARE, Dalle. *Pessoa e amor segundo Teilhard de Chardin*. São Paulo: Herder, 1970.
- VAZ, H.L. Teilhard de Chardin e a questão de Deus. *Síntese Nova Fase*, **76**: 345-370, 1996.

Data de submissão: 27/12/2017

Aprovado para publicação: 05/02/2018